



Fundação Universidade Federal de Rondônia  
Departamento de Educação Intercultural

XII Seminário de Educação - SED  
23 a 25 de Outubro em Ji-Paraná-RO

# Resistência Originária

## Povos indígenas e Paulo Freire

### ALFABETIZAÇÃO INTERCULTURAL INDÍGENA: APRENDIZAGENS DE LEITURA E ESCRITA NA T. I. SAGARANA<sup>✓</sup>

Aurilene Wem Prawan CAO OROWAJE <sup>1</sup>  
Ariran CAO OROWAJE <sup>2</sup>  
Cristiane Pijim ORO EO <sup>3</sup>  
Josélia Gomes NEVES <sup>4</sup>  
Mai ORO WARAM XIJEIN <sup>5</sup>  
Marciana Cassupa ORO MON <sup>6</sup>  
Vagner Rogério Cao Oro Waje ORO NAO <sup>7</sup>

#### RESUMO

O presente texto tem o objetivo de apresentar um recorte dos resultados finais dos estudos desenvolvidos no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) por meio do Subprojeto: Alfabetização Intercultural & Etnoconhecimentos - aquisição e apropriação da cultura escrita em escolas indígenas de Rondônia. Situa-se na Linha de Pesquisa Alfabetização & Cultura escrita do Grupo de Pesquisa Educação na Amazônia (GPEA). A metodologia adotada considerou a pesquisa bibliográfica, narrativa e documental. Os resultados apontam que a aprendizagem da leitura e da escrita em Sagarana evidencia influências das concepções empiristas popularizadas no uso de cartilhas com foco na memorização e cópia e há também atividades construtivistas que propõe meios de reflexão sobre os processos de escrita tanto em português como na língua indígena. Concluímos que a formação docente indígena em nível médio e superior tem influenciado as práticas pedagógicas de alfabetização nesta comunidade indígena, mas há necessidade do tema ser discutido pela comunidade e agencias formadoras.

**Palavras-chave:** Povo Oro Wari. Alfabetização Intercultural. Sagarana.

✓ Sistematizado a partir do Relatório Final do PIBID Indígena (2018-2020).

<sup>1</sup> Estudante indígena, bolsista do PIBID Indígena da Licenciatura em Educação Básica Intercultural – UNIR/DEINTER. E-mail: aurileneorowaje@gmail.com.

<sup>2</sup> Supervisora, bolsista do PIBID Indígena da Licenciatura em Educação Básica Intercultural – UNIR/DEINTER. E-mail: ariram.25@hotmail.com.

<sup>3</sup> Estudante indígena, bolsista do PIBID Indígena da Licenciatura em Educação Básica Intercultural – UNIR/DEINTER. E-mail: cristianeorounir@gmail.com.

<sup>4</sup> Docente da Universidade Federal de Rondônia. Coordenadora do Subprojeto PIBID Indígena da Licenciatura em Educação Básica Intercultural – UNIR/DEINTER.

<sup>5</sup> Estudante indígena, bolsista do PIBID Indígena da Licenciatura em Educação Básica Intercultural – UNIR/DEINTER. E-mail: mxijein@gmail.com.

<sup>6</sup> Estudante indígena, bolsista do PIBID Indígena da Licenciatura em Educação Básica Intercultural – UNIR/DEINTER. E-mail: oromarcianacassupa@gmail.com.

<sup>7</sup> Estudante indígena, bolsista do PIBID Indígena da Licenciatura em Educação Básica Intercultural – UNIR/DEINTER. E-mail: vagnercaooro1@gmail.com.

## 1 INTRODUÇÃO

Pensar a Alfabetização Intercultural Indígena na comunidade Sagarana, foi a preocupação principal deste trabalho. Constitui o resultado do que foi possível realizar a partir do Subprojeto: Alfabetização Intercultural & Etnoconhecimentos, realizado de setembro de 2018 a janeiro de 2020. Ocorreu na Terra Indígena e nas etapas de aulas da Licenciatura em Educação Básica Intercultural da Universidade Federal de Rondônia, Campus Urupá de Ji-Paraná.

As leituras teóricas que contribuíram para a sustentação deste texto foram as seguintes: sobre alfabetização intercultural Neves (2009), educação bilíngue e sua relação com as aprendizagens da leitura e da escrita Monserrat (1994), reflexões sobre alfabetização na perspectiva de Weisz (2008), aspectos da história de Sagarana (OROWAJE, 2015) e o caderno escolar como fonte de pesquisa (MIGNOT, 2008).

## 2 METODOLOGIA

Este trabalho foi realizado de forma coletiva no período de setembro de 2018 a janeiro de 2020 na Aldeia Sagarana e na etapa de aulas presenciais em Ji-Paraná. Trata-se de um estudo qualitativo que adotou as seguintes fontes de pesquisa: bibliográfica, realizada por meio de leituras, é “[...] desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. [...]”. (GIL, 2008, p. 50).

A pesquisa narrativa foi incluída para considerar os saberes de bolsistas do PIBID Indígena sobre alfabetização a partir das escritas de seus memoriais, um recurso: “Para fins de ensino, especialmente na perspectiva das propostas de produção do conhecimento, que têm o educando como um ser socialmente situado, [...]”. (CUNHA, 1997, p. 191).

E no que se refere à pesquisa documental, foi um procedimento importante que possibilitou o trabalho de coleta das atividades nos cadernos escolares, um documento pedagógico que permitiu a compreensão de alguns elementos presentes nas aprendizagens da leitura e da escrita das crianças de Sagarana, uma vez que, “[...] vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, [...]”. (GIL, 2008, p. 50).

Este texto discute três aspectos: uma breve contextualização sobre a Terra Indígena (T. I) Sagarana, posteriormente discute a alfabetização e memórias e por último, analisa as atividades coletadas, refletindo como ocorre a aquisição da leitura e da escrita nesta comunidade, seguido das Considerações finais.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Temos observado que as primeiras publicações indígenas sobre Sagarana são recentes. Estamos nos referindo aos Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC) elaborados no âmbito da Licenciatura em Educação Básica Intercultural, curso de formação docente indígena que é oferecido pela Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Campus Urupá de Ji-Paraná.

O estudo de Wem Cacami Cao Orowaje (2015) no campo da Etnomatemática, por exemplo, representa um gesto nesta direção. Representa uma forma de valorização do direito de fala, do direito de dizer a sua palavra (FREIRE, 1987). “O povo Cao Orowaje é o povo que foi mais massacrado no contato com os não indígena, na verdade nós não era chamado de Cao Orowaje, nós somos Ororamxijein, depois do contato que registraram nós como Cao Orowaje. (OROWAJE, 2015, p. 20).

Na atualidade, Sagarana constitui uma área de proteção federal multiétnica e multilinguística habitada pelo Povo Wari, também conhecido como Pakaá Nova, falantes da língua Txapakura e outras etnias. Ali vivem 57 (cinquenta e sete) famílias pertencentes aos povos: “[...] Cao Orowaje [...], Oro mon, Orowaram xijein, Oro nao’ Oro Eo, Orowaram, Kanoe, Arowa, Makurap, Kassupa, Jabuti, Kujubim, Oro At [...], situada á margem direita do rio Guaporé no município de Guajará-Mirim, na divisa do Brasil com a Bolívia”. (OROWAJE, 2015, p. 20). Após quase trinta anos, em 24 de maio de 1996, é que finalmente a Terra Indígena Sagarana foi oficializada.

Em relação às lembranças do tempo da alfabetização este recurso tem sido utilizado como ponto de partida para as reflexões iniciais sobre as aprendizagens da leitura e da escrita. Nesta direção, considerando os objetivos do Subprojeto: Alfabetização Intercultural & Etnoconhecimentos, discutimos as diferentes e semelhantes formas de como aprendemos a ler e escrever. Após a definição de um

roteiro prévio, as produções foram feitas inicialmente em versão oral, depois em texto escrito.

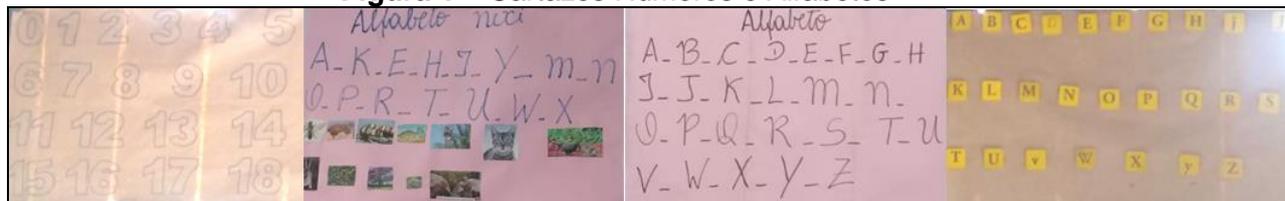
Os memoriais evidenciam que os (as) bolsistas do PIBID Indígena, ingressaram na escola por volta de 6 (seis) a 8 (oito) anos de idade, boa parte na Escola Paulo Saldanha Sobrinho, entre 2002 a 2004. Quanto aos materiais utilizados no processo de aquisição da escrita, as atividades desenvolvidas ocorreram por meio da Cartilha da Língua Pakaas Novos que foram produzidas pela entidade religiosa evangélica, a Missão Novas Tribos do Brasil (MNTB). É possível observar que os temas de estudos são relacionados à realidade indígena. Mas, como as crianças de Sagarana são alfabetizadas na atualidade?

As atividades coletadas pelo coletivo de bolsistas do PIBID Indígena tiveram como principal fonte de dados os cadernos das crianças indígenas estudantes do 1º e 2º anos do ensino fundamental da Escola Indígena Estadual de Ensino Fundamental Paulo Saldanha Sobrinho. A instituição é mantida pela Secretaria de Educação de Rondônia (SEDUC), conforme Decreto nº 1358/1983, código INEP 11006366.

Após autorização de responsáveis, foram fotografadas algumas atividades - média de 10 (dez) a 15 (quinze) trabalhos na fase da alfabetização, através dos cadernos escolares, fonte da pesquisa documental: “[...] falam dos alunos, dos professores, dos pais, dos projetos pedagógicos, das práticas avaliativas, dos valores disseminados em palavras e imagens, bem como das prescrições e interdições que conformam sua produção, sua circulação e seus usos (MIGNOT, 2008, p. 7).

As crianças da Terra Indígena Sagarana tomam contato com a escrita inicialmente pelas leituras diárias do alfabeto fixado na parede e depois copiado no caderno. Um exercício que proporciona o conhecimento simbólico da sequência alfabética, importante na compreensão das letras iniciais e finais das palavras. “Conhecer todas as letras do alfabeto e seus respectivos nomes é fundamental para a alfabetização. Não é possível falar sobre algo cujo nome se desconhece [...]”. (BRASIL, MEC, 1999, p. 75).

**Figura 1 – Cartazes Números e Alfabetos**



Créditos: Bolsistas PIBID Indígena da T. I. Sagarana

Observamos a influência da cartilha nas atividades dos cadernos. Há situações em que a tarefa é cobrir os pontilhados que formam as letras (vogais da língua portuguesa). Essa prática de exercitar a coordenação motora fina remete à concepção empirista que parte da ideia que o aprendizado da grafia é possibilitado por esse treino mecânico e sem reflexão sobre o sistema de escrita. (WEISZ, 2008).

**Figura 2 – Ensaios de escrita**



Créditos: Bolsistas PIBID Indígena da T. I. Sagarana

Analisamos que há atividades que permitem pensar a função social da escrita. Estamos nos referindo ao trabalho didático na alfabetização envolvendo as listas, por exemplo. “[...], a escrita tem muitos usos práticos: as pessoas, no seu dia-a-dia, elaboram listas para fazer trocas comerciais, [...]”. (BRASIL, 1998, p. 126). Escrever e não copiar os nomes de animais conhecidos permite compreender como a criança está aprendendo, pois demonstra que letras ela utiliza e como faz a leitura. É um rico material para o planejamento de intervenção docente, pois possibilita conhecer o que a criança já sabe e o que ela precisa aprender para avançar seu saber sobre a cultura escrita.

A escrita dos nomes das crianças também é um tema de estudo importante na alfabetização. Ao apresentar os nomes na chamada diária – em um cartaz de boa visibilidade, é possível a docência explorar as iniciais e finais das letras, relacionando ao alfabeto fixo e em algumas situações, ao alfabeto móvel. Constitui

deste modo uma forma adequada de aprofundar o conhecimento sobre as letras e sua relação com as palavras.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente texto teve o objetivo de apresentar alguns aspectos dos estudos desenvolvidos no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) por meio do Subprojeto: Alfabetização Intercultural & Etnoconhecimentos, vinculado a UNIR em Ji-Paraná. Os resultados apontam que a aprendizagem da leitura Sagarana, sistematização dos memoriais de alfabetização e análise do processo de aquisição da leitura e da escrita nesta comunidade, transita entre concepções baseadas no formato da cartilha e em atividades que permite a criança pensar sobre a finalidade da escrita, uma repercussão de reflexões construídas em processos de formação docente e que em nosso ver carecem de aprofundamentos.

#### REFERÊNCIAS

BRASIL. MEC. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Brasília, 1998.

BRASIL. MEC. **Parâmetros Curriculares em Ação**. Alfabetização. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC, 1999.

CUNHA, M. I. da. Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Rev. Fac. Educ.** vol. 23 n. 1-2 São Paulo Jan./Dec. 1997.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

MIGNOT, A. C. V. **Cadernos à vista**: escola, memória e cultura escrita. Rio de Janeiro, Ed. UERJ, 2008.

MONSERRAT, R. M. F. O que é o ensino bilíngüe: a metodologia da gramática contrastiva. **Revista Em Aberto**, MEC-INEP: Brasília, julho, 1994.

NEVES, Josélia G. **Cultura escrita em contexto Indígena**. Orientadora: Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargos. 2009. 369f. Tese (Doutorado em Educação Escolar) Universidade Estadual Paulista, Campus de Araraquara. Araraquara– SP, 2009.

OROWAJE, Wem Cacami Cao. **Saberes Matemáticos do Povo Orowaje**. Orientador: Kécio Gonçalves Leite. 2015. 30f. Trabalho de Conclusão de Curso

(Licenciatura Intercultural). Universidade Federal de Rondônia. Campus de Ji-Paraná, Ji-Paraná-RO, 2015.

WEISZ, Telma. Alfabetização: a aprendizagem nunca termina. In: Entrevista **Educar para crescer**, 2008. Disponível em:  
<http://educarparacrescer.abril.com.br/aprendizagem/entrevista-telma-weisz-403872.shtml> Acesso em: 10 de julho de 2010.